

# Rede de vida nas águas: biodiversidade e cultura ribeirinha pantaneira no rio Cuiabá, Mato Grosso

## *Life Network in Water: Biodiversity and Riberinho Pantaneiro Culture in Cuiaba River, Mato Grosso*

Thereza Martha Borges Presotti\*

\*Doutora em História Social e professora do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).  
End. eletrônico: themarpresotti@gmail.com

Recebido em 26.02.14

Aceito em 21.03.14

**RESENHA**

Carolina Joana da Silva; Jane Simoni (orgs). *Água, Biodiversidade e Cultura do Pantanal: estudos ecológicos e etnobiológicos no sistema de baías Chacororé - Sinhá Mariana*. Cáceres-MT: Editora da UNEMAT & Carlini Caniato, 2012. 256p. ISBN 978-85-7911-073-3

Pode-se começar dizendo que esta coletânea organizada por Carolina Joana da Silva e Jane Simoni é uma referência imprescindível para estudiosos da Ecologia e demais interessados no tema da natureza e cultura do Pantanal. Sem dúvida, é prazerosa e estimulante a sua leitura, que permite conhecer a sistêmica sincronicidade da vida nas águas nas baías Chacororé e Sinhá Mariana, no rio Cuiabá, estado de Mato Grosso, região central da América do Sul.

De início, parecem estranhos os nomes dessas baías estudadas por um diversificado grupo de pesquisadores. Vale a pena rastrear os seus significados históricos para compreender a ancestralidade da ocupação por essa gente ribeirinha de típico linguajar pantaneiro. *Chacororé* é nome do grupo indígena da grande nação bororo que ali vivia e dominava toda a bacia do Cuiabá, com base em práticas pesqueiras, conforme averigui na documentação colonial e mapas manuscritos sertanistas. Já Sinhá (ou Siá) *Mariana* remete à memória africana, pois, segundo o historiador e arte-educador Ivan Belém, essa região está associada às famílias de escravos e ex-escravos que trabalhavam nas fazendas e usinas e aos colonizadores (maioria de portugueses e paulistas) que foram ali morar, gerando os seus descendentes.

Grande parte dos artigos trata prioritariamente de estudos ecológicos e

etnobiológicos que apresentam a complexidade e a beleza da rede das vidas nas águas. No entanto, a sua leitura é de fácil compreensão, mesmo para um leigo ou para um leitor curioso por conhecer o exótico Pantanal e algumas de suas comunidades culturais tipicamente pantaneiras. Como em uma orquestra, as diferentes pesquisas completam-se e articulam para demonstrar a biodiversidade nas águas do Pantanal, revelando as conexões de um sistema rico em complexas relações vivenciadas pelas famílias ribeirinhas junto a peixes, aves, plantas e seres imaginários.

Os artigos são uma rica união de resultados de pesquisas orientadas em sua quase maioria por uma das organizadoras, a ecóloga e militante ambientalista Carolina Joana da Silva, em sua atuação como pesquisadora nos Programas de Pós-graduação na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Essas pesquisas tiveram o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FUPEMAT), com parcerias com outras instituições de ensino e pesquisa e agências financiadoras.

A organização, compartilhada com Jane Simoni, garantiu o olhar da dimensão sociocultural nessa rede de vida nas águas, como se pode ler nos artigos que contaram com a sua participação. Graduada em Antropologia nos E.U.A., Simoni ousou fazer o seu mestrado em Ecologia e Biodiversidade na UFMT, orientada pela professora Carolina da Silva. Ela ampliou ainda mais a sua formação interdisciplinar, cursando o doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), no qual até hoje participa de projetos, como pós-doutoranda.

É estimulante e cativante iniciar a leitura pelo prefácio de Joana Fernandez da Silva (UFG), outra antropóloga conhecedora da cultura ribeirinha pantaneira. Ela apresenta um panorama do conjunto da obra e de seus autores, coroando com as suas análises antropológicas o entendimento da importância da dimensão sociocultural. Ela eleva sobretudo o lugar da “experiência humana” na construção da biodiversidade e sustentabilidade. Vale a pena reproduzir aqui um breve trecho:

A importância do sistema de Baías Chacororé e Sinhá Mariana é revelada neste livro por meio do estudo de diversas funções que elas suportam. Além das funções econômicas e de local de sobrevivência de suas comunidades tradicionais, (...) representam importante função no imaginário e nas representações sociais da população regional (...). Não existe por si só o Pantanal, mas existe a partir da experiência humana, a de estar aí nesse espaço. (p. 13)

Os gráficos, as figuras e tabelas enriquecem e ilustram as análises, reunindo diversos dados explicativos e esclarecedores dos objetos e das metodologias das pesquisas. Esses componentes são complementados por belas fotos, que permitem visualizar a biodiversidade e as conexões entre as espécies, principalmente peixes,





aves e plantas em suas cadeias alimentares e nos diferentes ciclos ou ritmos das águas.

Mas o que torna esta obra ainda mais rica são os artigos da terceira parte do livro, cujo título é “Cultura”. Todos foram escritos em coautoria com a professora Silva e contribuem com discussões relevantes sobre temas como educação ambiental, políticas de desenvolvimento sustentável, direito ambiental e avaliação sistêmica do milênio. Esse conjunto de textos demonstra o valor da interdisciplinaridade e das parcerias interinstitucionais, no esforço para avaliar o estado desse ambiente e reconhecer a importância da sua conservação, não só para as comunidades tradicionais pantaneiras, mas para todo o complexo ecológico e cultural do rio Cuiabá e Pantanal mato-grossense. Esse complexo enfrenta riscos oriundos do avanço das fronteiras do capital: a pesca predatória, a supressão das matas ciliares, os aterros para construção de pastagens e estradas e o turismo desordenado.

Destaco que as pesquisas permitem reconhecer os ambientes de baías (grandes lagoas conectadas com o rio Cuiabá) que funcionam ecologicamente como “berçários de peixes” e de aves – os belos “niniais” –, locais privilegiados de reprodução e manutenção da rede da vida nas águas. No âmbito sociocultural, são bem significativas as evidências da rede de práticas e saberes das comunidades envolvidas naquelas águas e na biodiversidade, que, entrelaçadas, compõem a biosociodiversidade. Essas conexões podem ser percebidas claramente na atividade pesqueira e em outras atividades, como o plantio de roças, o manejo do gado e o atendimento ao turismo, estabelecendo um “complexo de sobrevivência”.

No Inventário do Patrimônio Imaterial Mato-Grossense, realizado entre 2010 e 2011 pela Universidade Federal de Mato Grosso e pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), há registros de um significativo número de bens culturais ligados a essa região pantaneira – agora reafirmados neste livro. Assim, diante da riqueza de dados, com um dossiê dos etnosaberes, o acervo agora publicado pelas editoras da UNEMAT e Carlini Caniato serve como um manancial argumentativo atualizado da necessidade urgente de preservação ambiental. Essa obra pode, além disso, servir como um conjunto de subsídios, referendando essas baías e comunidades ribeirinhas pantaneiras como ‘lugar’ de patrimônio imaterial e fortalecendo programas de salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro.

Enfim, este livro apresenta um local privilegiado de biodiversidade e de práticas socioculturais, em especial os saberes que envolvem o conhecimento ecológico desse ecossistema, fruto de experiências centenárias, herdadas da tradição indígena, principalmente. As manifestações culturais são genuínas e belas, articuladas com o cotidiano e o imaginário popular dos ribeirinhos. O mito de minhocão, espécie de uma grande serpente que surge revolvendo as águas, parece impor regras aos pescadores, conforme divulgado em publicações do professor Mario César Silva Leite (UFMT) e na literatura regional.

Animando as celebrações religiosas e profanas, a peculiar viola-de-cocho é produzida

com o sarã de leite e a ximbuva, árvores do Pantanal, usadas também para fazer remos e canoas. Vale destacar que o modo de fazer esse instrumento foi reconhecido e registrado como patrimônio imaterial no Livro dos Saberes em 2005 pelo IPHAN; o mesmo ocorreu com as formas de expressão diretamente associadas, as danças e os cantos do siriri e cururu. Não podemos deixar de lembrar ainda o modo típico de fazer as canoas e as práticas culinárias do peixe e tantas outros saberes envolvidos no cotidiano destas comunidades ribeirinhas.

Tais estudos etnobiológicos têm o mérito de fornecer indicativos importantes para programas de desenvolvimento sustentável e subsídios para a educação ambiental e patrimonial. Podem colaborar para que o Pantanal se mantenha vivo, validando o seu reconhecimento pela UNESCO como Reserva da Biosfera e Patrimônio da Humanidade.

O acesso aos resultados dessas pesquisas consolida a ciência acadêmica em seu papel primordial de função social, podendo sensibilizar os governos e as organizações locais, estaduais, nacionais e internacionais para a conservação dos serviços ambientais do Sistema Chacororé – Sinhá Mariana. Enfim, os maiores beneficiários serão as gerações atuais e vindouras das comunidades tradicionais ribeirinhas do rio Cuiabá e de outros grupos sociais, como seres desta rede de vida nas águas; seres que dependem da estrutura e do funcionamento desses ecossistemas para a sua reprodução biológica e cultural.

